



Espacio, Tiempo y Educación

E-ISSN: 2340-7263

jlhhuerta@espaciotiempoyeducacion.com

FahrenHouse

España

Barausse, Alberto

A pesquisa em História da Educação. Entrevista com Maria Helena Camara Bastos

Espacio, Tiempo y Educación, vol. 4, núm. 1, enero-junio, 2017, pp. 1-23

FahrenHouse

Salamanca, España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477455339015>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A pesquisa em História da Educação. Entrevista com Maria Helena Camara Bastos

Research in History of Education. Interview with Maria Helena Camara Bastos

Alberto Barausse

e-mail: barausse@unimol.it; alberto.barausse@pucrs.br

Università degli Studi del Molise. Italy

Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul. Brasil

Em tempos de globalização é extremamente interessante e sugestivo aproximar as experiências vivenciadas dão mundo acadêmico de outros países. A capacidade de elaboração das novas chaves de leitura do desenvolvimento histórico se conjuga talvez com as conexões e as contaminações que os estudiosos têm desenvolvido nas relações internacionais. Um processo análogo aconteceu, também, no âmbito da História da Educação que, acima de tudo, ao longo dos séculos XIX e XX, tem conhecido uma significativa expansão dos processos de transnacionalidade, um fenômeno que não chamou atenção só dos intelectuais, mas tradicionalmente sensíveis a construção de relações culturais de caráter transnacional. Fica difícil entender o perfil de Maria Helena Câmara Bastos sem inscrever-lo na evolução que a história da educação experimentou a nível global nas últimas décadas. No rico e articulado caminho profissional da docente brasileira pode refletir-se uma significativa parte da história da educação. Com certeza o percurso da historiadora da educação gaúcha representa em muitos aspectos uma metáfora do processo de internacionalização da pesquisa. O seu percurso profissional, por outro lado, coloca-se no quadro extremamente complexo daquele representado pela história da educação no Brasil. Um contexto que representa um desafio para qualquer estudioso que pretendesse aproximar-se da realidade histórico educativa do estado federal sul

americano, que aumentou nos últimos trinta anos, não somente do ponto de vista quantitativo, como número de pesquisadores e de grupos de pesquisa, mas também do lado das orientações e das escolhas historiográficas; mas, além das políticas de pesquisa, do sistema de financiamentos aquele da avaliação.

Maria Helena Câmara Bastos hoje atua como professora de História da Educação em uma das mais dinâmicas realidades do complexo panorama acadêmico brasileiro, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na qual coordena vários grupos de pesquisa nos quais trabalham juntos jovens e promissores pesquisadores e professores mais maduros e especializados seja das universidades do estado mais meridional do Brasil, seja das universidades difundidas em outros estados da vasta República federal.

Através das palavras da estudiosa riograndense é possível perceber alguns significativos indícios do desenvolvimento do País e das influências exercitada pelas reflexões pedagógica e histórica as quais marcaram o início do seu caminho profissional. Mas depois das viagens nas últimas décadas de Noventa para alguns «Países e lugares chaves» aos quais está ligada a renovação dos estudos no âmbito da História da Educação na Europa, acima de tudo o INRP (Institute National de Recherche Pedagogique) na França, o Instituto da Educação de Lisboa em Portugal, o Ceince (Centro Internacional de Cultura Escolar) na Espanha, – países aos quais uniu-se, hoje, a Itália – a professora contribuiu de forma importante a reforma historiográfica no próprio País e a promoção de iniciativas fundamentais para fomentar a mudança a partir do nascimento da ASPHE (Associação Riograndense dos Pesquisadores de História da Educação) e da revista *História da Educação-Journal of Education*, hoje um dos mais prestigiosos periódicos no âmbito histórico educativo brasileiro. Não é simples conseguir explicar, com poucas linhas, os momentos fundamentais, os percursos e os ferramentas essenciais pelos quais uma parte significativa da historiografia educativa brasileira tem levado à frente nas últimas décadas, mudanças tão relevantes nas experiências e na abordagem historiográfica. Por isso, acho que a entrevista que a colega me concedeu – com a qual tenho o prazer e a honra de compartilhar um decisivo percurso profissional como pesquisador e professor visitante – ajuda mais de outras formas, acessar nos interstícios de um caminho que permite entender de forma mais direta os vínculos e as conexões de natureza internacionais que são a base dos avanços para a renovação historiográfica brasileira. Uma aula importante, acima de tudo, para os jovens que se aproximaram, nos últimos anos, da História da Educação.

Alberto Barausse (A.B.): *Gostaria de começar esta entrevista com suas memórias pessoais: como foi seu encontro e seu interesse com a História da Educação?*

Maria Helena Câmara Bastos (M.H.C.B.): Inicialmente, gostaria de assinalar de que, desde 1995, quando escrevi o meu Memorial para o concurso de Professor Titular em História da Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (Bastos, 1999a, 2011a), tenho escrito sobre minhas vivencias de formação e profissionais, sempre muito receosa se exprimem realmente o ocorrido e o vivido (Bastos, 2005a, 2009, 2011b, 2013^a, 2013b, 2016; Bastos, & Almeida, 2013). Além disso, com 44 anos de atividades docentes e de pesquisas, é difícil sintetizar todos percursos e percalços. Durante esse período, atuei em três universidades – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1973-2002); Universidade de Passo Fundo (1997-1999) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002 até a presente data).

Sabemos que a memória é uma caixa de lápis de cor, como dizia o grande poeta Mário Quintana, onde o preto e o branco não estão presentes. Ozouf (2009, p. 270), ao finalizar suas memórias, afirma «Depois de tudo, é o indivíduo que tem a pena e se faz narrador de sua vida: o narrador, isto é, o ordenador, o arranjador, o intérprete. A narração é libertadora, (...) ela que desenha a identidade». É com essa perspectiva que passo a responder as questões propostas.

Para começar, devo assinalar, primeiramente, o meu encontro com a História a partir do ginásio, no Colégio Estadual Pio XII (1962-1965), e no clássico, no Colégio de Aplicação da UFRGS (1966-1968).

O Colégio Pio XII se localizava atrás da sede do governo do estado – Palácio Piratini¹, portanto no centro do poder político da cidade. No período em que cursei o ginásio público (escola só de mulheres), nas classes experimentais², vivi um ensino ativo, estimulante, criativo, desafiante, que me transformou em uma estudante cativa e apaixonada pelo estudo. Minha vida era a escola, onde passava 8 horas por dia, tendo aula aos sábados pela manhã e folgando 4º feira à tarde, o mesmo dia de folga das escolas francesas (será coincidência?). O Colégio Pio XII estava ligado ao Palácio por uma grande escadaria, palco de brincadeiras, sessões de estudo, discussões, onde fui espectadora dos acontecimentos de 1964

1 Hoje, Colégio Estadual Paula Soares.

2 «As classes experimentais atenderão, basicamente, ao propósito de efetivar, no regime de funcionamento do primeiro ciclo secundário os seguintes requisitos: relatividade quantitativa (currículos e programas); estrutura (atendimento das diferenças individuais); dinamismo (ascensão educacional); responsabilidade (compartida); comunicação (observação a experiência direta); organização (sentido integrador e progressivo). Serão valorizados como fundamentais e, em consequência, mantidas nos quatro anos do curso, disciplinas e atividades que, pelo seu conteúdo, se ordenam em continuidade articulada ao plano educativo da escola primária e, pela sua progressão, se destinam a promover direta e comprehensivamente o desenvolvimento unitário das experiências do aluno e o atendimento das suas crescentes possibilidades de integração nas esferas da vida». Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia/UFRGS; Instituto de Educação de Porto Alegre/RS; Ginásio Estadual Feminino «Paula Soares»; Ginásio Estadual Feminino «Presidente Roosevelt» (UFRGS. Plano para organização de uma classe experimental no primeiro ciclo do Curso Secundário, 1959).

(Golpe civil-militar). Além disso, morava próximo à casa do General do IIIº Exército (palco dos acontecimentos finais). Como muitos jovens dessa época, vivi esses momentos de fervilhar político, de forma muito alienada, crente que era o melhor frente ao perigo do *diabinho vermelho* (comunismo).

No segundo ciclo da escola secundária (1966-1968), prestei exame no Colégio de Aplicação do UFRGS, que também adotava o sistema de classes experimentais, em turno integral. Esta escola tinha muita fama de ser uma escola de *gênios*, pela excelência do ensino e por selecionar os mais capacitados, através de testes de inteligência (QI). Estar estudando no espaço da Universidade foi uma experiência muito diferente e estimulante para a vivencia escolar, completamente diferente dos espaços até então frequentados. Significou experenciar os movimentos de resistência estudantil ao Regime Militar, as famosas passeatas dos bichos³, que eram um espetáculo à parte. Além disso, o colégio era misto, apesar da minha turma de clássico ter só um aluno, em um universo de 14 mulheres.

Duas professoras de História marcaram o meu período escolar do ginásio e do clássico – Lidia Benicio da Fonseca e Luzia Garcia de Melo (Bastos, 2014), respectivamente, que acredito favoreceram minha opção pelo curso de História. Mas não posso esquecer de mencionar a leitura da obra – *Ivanhoe* de Walter Scott (1771-1832), que ganhei de Natal de meus pais, ainda no curso primário. Sempre gostei de histórias da Idade Média, lembro o seriado da televisão *Ivanhóe* e o de *Guilherme Tell*.

1968 – *revolta libertária existencial e antiautoritária na França e no Mundo* (Marques, 1993, p. 8), ano de agitações estudantis, mas da qual ficamos à margem, mesmo estudando dentro do campus universitário. A nossa convivência democrática, na proposta pedagógica escola novista, estava restrita ao espaço interno da Escola, sem, no entanto, pôr em questão a estrutura da sociedade de classes, que estes movimentos denunciavam. Esse ano foi de definições profissionais – vestibular⁴. O que fazer: Odontologia (desejo paterno), Matemática (desejo materno)? Dúvida pessoal: Direito ou História? Opção: História. (Até hoje, não descartei ainda a primeira opção, a qual pretendo realizá-la ao longo da terceira idade).

O ingresso na Faculdade de Filosofia da UFRGS – Licenciatura Plena em História (1969/1972) – se deu em um momento de transição, marcado por agitação estudantil, renovação do corpo docente, implantação da Reforma Universitária (Lei nº 5540/68), com resquícios da antiga estrutura. Meu ingresso na Faculdade representou a volta a um ensino acrítico, verbalístico, tradicional,

3 Os alunos ingressantes na Universidade eram, e ainda são, denominados «bichos» e/ou calouros. Entre os rituais de ingresso havia um desfile alegórico, vulgarmente conhecido como «passeata dos bichos». Essas manifestações foram proibidas a partir do regime civil-militar de 1964.

4 Exame de ingresso ao ensino superior no Brasil, desde 1911.

centrado na figura do professor, na memorização da informação, em quantidade; em provas, exames – escritos e orais; enfim, representava um retrocesso no meu processo de formação. Alguns professores novos buscavam superar essas características do curso e de sua formação, pela utilização de referenciais teóricos mais modernos, de tendência marxista. No entanto, mantinham a tradicional forma de ensinar – aulas expositivas e longas provas dissertativas. Foi um período marcado pela angústia e desilusão com a Universidade, depois de vivenciar as *classes experimentais*, que representavam um horizonte doutrinário avançado para o tempo, um horizonte metodológico.

Esse quadro alterouse em parte, quando fui fazer as disciplinas de formação pedagógica, centradas na Faculdade de Educação (1970), onde eram vivenciados alguns princípios do ideário escolanovista, mas já articulados à tendência tecnicista, novo ingrediente que tomava corpo e força, ao longo da década de 60, para ter a supremacia nos anos 70. Assim, ao mesmo tempo que entrava em contato com Dewey, Rogers, Bloom, Piaget, estudava Skinner, sem nenhuma reflexão sobre cada uma destas tendências e sua aplicação na realidade brasileira, marcada por forte exclusão social e educacional. A atividade do aluno, nas disciplinas de formação pedagógica, era conduzida pelo princípio de individualização do ensino – cada aluno em seu ritmo – através de estudos dirigidos, instruções programadas. Essas metodologias também eram ensinadas para que pudéssemos aplicá-las no período de estágio supervisionado, já que a aula expositiva estava execrada, com exceção da *expositiva dialogada*, aliás recomendada para observação do estágio (vestígios do papel tradicional docente).

Nesse momento, a História se encontrou com a Educação, mas ainda vivenciada como dois campos de saber diferenciados. Em 1973, passei a atuar como Professora Polivalente no Colégio de Aplicação/UFRGS⁵. A polivalência de 6º série tinha sua história vinculada ao antigo ginásio (Lei nº 4024/61), quando os alunos ingressavam na Escola, oriundos do primário realizado em diferentes estabelecimentos de ensino, onde esse nível de ensino se caracterizava por ter um professor em sala de aula (unidocência). Havia a crença de que aos alunos, que entravam nesse novo ambiente escolar, para melhor integrarem-se aos princípios educativos e à dinâmica escolar, o mais indicado era terem o acompanhamento constante de um professor, com formação em nível superior. A proposta pedagógica da polivalência também envolvia o acompanhamento do professor por especialistas, por área de conhecimento. Assim, no turno da manhã, ministram-se as aulas, e, no turno da tarde, faziase o planejamento e sessões de

⁵ EscolaLaboratório: «instituição cuja finalidade é promover experiências de ensinoaprendizagem qualificadas pelo embasamento atualizado, assegurado, pela continuidade, o efeito cumulativo, que propicia levar o termo sistematicamente, a revisão de propostas, processos e resultados, bem como a introdução de melhorias e inovações orientadas sempre para a elevação dos padrões educacionais» (Pacheco, 1979, p. 3).

estudo, com os professores especialistas e com o coordenador de 6º série, o antigo professor de classe. Os pressupostos teóricos que orientavam essa ação educativa eram embasados em Dewey (ensino pela ação), Rogers (auto atividade do aluno), Kilpatrick (método de projetos), Bloom e Taba (taxionomia do conhecimento), Gagné, Mager (Planejamento segundo a metodologia sistêmica). Nesse contexto, minha prática pedagógica na 6º série foi uma *simbiose* entre o ideário escola novista e a tendência tecnicista, que tendeu ao predomínio. Esse foi o primeiro desafio, pois dúvidas e incertezas me assolaram: como lecionar várias disciplinas, se não havia feito a Escola Normal e havia cursado somente o curso de História? Tal dificuldade fazia parte da experiência pedagógica. Essa vivência foi muito forte e orientou outras atividades docentes.

O Colégio de Aplicação, onde atuei de 1973 a 1982, foi a minha grande escola profissional, que possibilitou outras oportunidades profissionais. Além de professora *polivalente*, fui professora de Estudos Sociais na 6º série, de Estudos do Homem na 9º série, coordenadora de série, de grau, ou seja, vivi plenamente o cotidiano da escola, participando ativamente de todos os eventos. Paralelamente a essa atividade⁶, iniciei como professora no ensino superior. Primeiro no Programa de Melhoria do Ensino Médio, decorrente dos acordos MEC-USAID; a seguir, no Ciclo Básico da UFRGS, com a disciplina: Introdução à Sociologia (1976/77), que se aproximava da minha formação e que me colocou em contato com o referencial teórico da sociologia funcionalista.

Ao fazer referência a essas experiências, sem me deter em cada uma delas, apesar de todas terem tido um significado especial na constituição do campo profissional, quero destacar que hoje percebo quanto a multivariada experiência docente estava, de alguma forma, contribuindo no direcionamento da minha opção profissional.

Concomitante com a atividade profissional, havia a busca de aprimoramento intelectual. Dessa forma, em 1977 realizei o Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior, o qual se vinculava, em sua organização, à tendência tecnicista. Em 1978, fui convidada a participar do grupo do Laboratório de Ensino Superior/LES da Faculdade de Educação/UFRGS, onde exercei função de ensino, pesquisa e extensão. Da experiência no LES, ficou muito presente a ênfase na tecnologia educacional, o desenvolvimento de estratégias voltadas à mudança de comportamento do professor, sem uma reflexão sobre os condicionamentos sócio históricos e sua inserção profissional. Ainda hoje fico impressionada com a *competência que julgava ter* e que me levou, por dever de trabalho, a compartilhar com professores de ensino superior o planejamento de suas atividades nas disciplinas nas quais tinham anos de experiência. A distância

6 No Colégio de Aplicação, o professor não tinha vínculo empregatício (horista), o que gerava uma instabilidade em termos de futuro e a busca de novas oportunidades.

temporal desse fato me faz compreender que tais atividades eram inerentes ao conhecimento técnico de «como fazer», que fui adquirindo nos vários cursos e não ao acúmulo de vivências em sala de aula no ensino superior. De toda forma, hoje eu a qualifico como uma ousadia! O que valia era o conhecimento técnico do como fazer. Para isso funcionava um processo de mediação entre o conhecimento técnico e o conhecimento específico do professor. Em última análise, era o professor, por ter um conhecimento profundo de seu conteúdo, que qualificava o trabalho do técnico. Aliás, um engano foi a nossa identificação como Técnicas de Ensino, só porque trabalhávamos a dimensão técnica do ensinar e aprender. Éramos *polivalentes*, tínhamos um conhecimento especializado e interagíamos com outros especialistas. Não foi um erro nem um engano, foi o melhor que se fazia no nível superior, construímos coletivamente o melhor que podíamos e que projetou a Faculdade de Educação além fronteiras.

Em 1979, com a vinculação institucional do LES ao Departamento de Estudos Especializados (DEE/FACED) e a integração da equipe de professores ao quadro docente do Departamento, fui escalada, devido a formação em História, para atuar na área de Administração da Educação, ministrando a disciplina – Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus. Posso considerar, que é nesse momento que a História se encontrou realmente com a Educação, em uma perspectiva historiográfica.

No final de 1981 inscrevi-me para a seleção no PósGraduação em Educação na FACED/UFRGS, na área de Planejamento da Educação, como parte de um projeto de reflexão da minha caminhada profissional. Concomitante a esse evento, centralizei minhas atividades no DEE/FACED, em regime de Dedicação Exclusiva (40 horas semanas), como professora assistente, o que levou a afastar-me do Colégio de Aplicação e do LES.

O Mestrado significou uma (re) aproximação com o meu curso de História. Após formada abracei a Educação, distanciando-me da História, como objeto de estudo e pesquisa. Ao realizar estudos sobre a história da suplência – exames – na educação brasileira, identificando sua presença no século XIX, com os primeiros *preparatórios* ou *exames parcelados*, constatei o reduzido número de estudos e pesquisas sobre a História da Educação Brasileira, a precária conservação e difícil localização de fontes.

Essa vivência passou a direcionar-me para a realização do Doutorado em História da Educação, o que se efetivou em 1988, na Universidade de São Paulo - USP/São Paulo, sob orientação do professor Celso de Rui Beisiegel e, posteriormente, Marta Maria Chagas de Carvalho, com o projeto de pesquisa: *Uma leitura do pensamento políticopedagógico riograndense: três décadas da Revista do Ensino (1939-1978)*. Além de definir a área de História da Educação, havia

também estabelecido realizar um estudo voltado a educação riograndense, na perspectiva colocada por Guacira Louro – «que a construção de uma educação brasileira deva ser feita considerandose as diversidades regionais e as diversidades sociais que as atravessam e as transformam historicamente» (Louro, 1989, p. 36). Quando da realização da pesquisa sobre *A Formação de Professores para a Educação Especial no Rio Grande do Sul*, havia tomado contato com a *Revista do Ensino*, com a qual havia convivido no período ginásial. Durante o Curso de Especialização em Administração Escolar (1987), uma aluna trouxe um artigo, publicado nesta revista na década de 1960, para ilustrar uma temática em sala de aula. Esses eventos, interligados com a proposta do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/INEP - *Memória da Educação Brasileira* (1984), levaramme a privilegiar esse periódico, que significativa presença teve nos meios educacionais regional e nacional.

Na constituição do campo para análise do objeto de pesquisa - *Revista do Ensino* - foi fundamental o estágio realizado no *Service d Histoire de l'Education/ SHE* (Lopes, 1988), do INRP/França (2 de janeiro a 28 de fevereiro de 1990), sob orientação de Pierre Caspard, coordenador do SHE e da linha de pesquisa: *A Imprensa da Educação e do ensino do século XVIII a 1940*. Na perspectiva teórica, esse estágio possibilitou o contato com a nova tendência que vinha marcando a produção historiográfica – a nova história cultural, a qual como afirma Nunes «privilegia como objetos de investigação as práticas culturais, seus sujeitos e seus produtos, tomados estes últimos em sua materialidade de objetos culturais» (Nunes & Carvalho, 1993).

No Doutorado, centrei o estudo na primeira fase do periódico (1939-1942), com objetivo de analisar a articulação da Revista com seu momento histórico – nacional e regional. A preocupação principal foi articular a *Revista do Ensino* ao projeto de *reconstrução nacional* do Estado Novo, procurando entender como a proposta políticopedagógica de *renovação educacional* se vinculava, através da revista, àquele projeto. Esse estudo resultou na tese intitulada «O Novo e o Nacional em *REvista: A Revista do Ensino* do Rio Grande do Sul (1939-1942)», defendida em 1994 (Bastos, 2005b).

A pesquisa com a Revista do Ensino continua em andamento: envolve a segunda fase da *Revista do Ensino* (1951-1978). A análise dessa etapa se faz a partir de temáticas específicas, seções do projeto editorial que caracterizam a produção discursiva desse periódico. Assim, resulta numa série de artigos, os quais permitem, em outro momento, uma análise de conjunto.

Sintetizando o meu encontro e interesse com a História da Educação, poderia dizer que o Mestrado e o Doutorado direcionaram minhas atividades profissionais e produção no campo, e, também, para a pesquisa com imprensa

de educação e ensino. A defesa da tese de doutorado (1994) marcou o início de uma nova *estaçao* de vida profissional. O gosto pelo ensino e pela pesquisa na área de História da Educação provocou o *desejo* e a necessidade de buscar maior identidade com a área. Assim, *desafios* apresentaram-se: fazer concurso para Professor Titular em História da Educação, no Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação/UFRGS, em abril de 1995, e o ingresso como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, que ocorreu no segundo semestre de 1995.

A.B.: *Quais temas de pesquisa que inicialmente tiveram a sua atenção? Quais estudiosos influenciaram sua formação historiográfica?*

M.H.C.B.: A partir de minha tese de Doutoramento, tenho realizado vários estudos e pesquisas direcionados à História da Educação Brasileira e Rio-grandense. Constituí o grupo de pesquisa intitulada «Educação Brasileira e Cultura Escolar: análise de discursos e práticas educativas (século XIX e XX)», cujo objetivo foi a compreensão histórica da educação no Brasil, com ênfase no processo de educação escolar, desde os primórdios do século XIX até os nossos dias, analisando discursos e práticas educativas de vários setores da sociedade. Integra vários projetos de mestrado e doutoramento, dissertações e teses defendidas sob minha orientação.

Posteriormente, Maria Stephanou, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e eu constituímos o Grupo de Pesquisa «Histórias e memórias da educação brasileira e da cultura escolar», interinstitucional e cadastrado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa, desde 1992, com a meta de propor a problematização e compreensão dos processos de produção, circulação e adoção de discursos e saberes pedagógicos, bem como a emergência de experiências educativas formais e não formais na história brasileira, em suas continuidades e descontinuidades, temporalidades e espacialidades específicas. Permaneci centrada na linha de pesquisa com imprensa, fazendo vários estudos pontuais. A importância de estudos com a imprensa especializada fica marcada no artigo *A Imprensa Pedagógica: espelho de papel da sociedade e da cultura* (1992), em que a partir da análise de várias pesquisas - internacionais e nacionais, formalizo a relevância destes estudos para a construção da história da educação. Vinculado a essa linha de pesquisa, situamse os projetos: *A Imprensa do CPERS/Sindicato: uma leitura do pensamento políticopedagógico riograndense (1945-1995)*; *A Organização e a Mobilização Sindical do Magistério Riograndense na Imprensa Periódica: Correio do Povo e Zero Hora (1945-1995)*; *A Retórica Acadêmica: um estudo sobre a revista Educação & Realidade da Faculdade de Educação/UFRGS (1976-1995)*. Nessa perspectiva também houve uma tentativa de repertoriar a imprensa pedagógica, no Brasil e no Rio Grande do Sul, conforme o trabalho

de Pierre Caspard (França), Antonio Nôvoa (Portugal) e de Denice Catani (São Paulo), que resultou no ensaio *Alguns apontamentos sobre a Imprensa Pedagógica no Brasil (18081942)*. A centralidade da pesquisa com imprensa periódica e/ou especializada resulta na publicação do livro *Educação em Revista. Imprensa Periódica e História da Educação*, com organização de Denice Catani e minha, integrando estudos e pesquisas realizadas na França, Portugal e Brasil (1997) (Catani & Bastos, 1997).

Com objetivo de conhecer as primeiras publicações periódicas da área de educação e ensino no Brasil, fiz um recuo ao século XIX, pesquisando alguns periódicos: *Jornal das Famílias* (1863-1878), revista dedicada aos interesses domésticos das famílias brasileira (Bastos, 2002a); *Instrução Pública* (1872-1875/1887-1888), editada por Alambary Luz; *Revista da Liga do Ensino*, editada por Rui Barbosa, que fundou a Sociedade Liga do Ensino (1883-1884) (Bastos, 1999b, 2007).

Ao estudar a *Revista Pedagógica* (1890-1897) (Gondra, 1997; Bastos, 2002b), editada pelo *Pedagogium* (1890-1919) e dirigida por Dr. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897), fui instigada a pesquisar a história desse intelectual – médico e educador –, que teve atuação significativa na segunda metade do século XIX (Bastos, 2002c, 2011). O conjunto da obra e atividades de Menezes Vieira permitiu analisar: a circulação das ideias e práticas pedagógicas; o cotidiano escolar de um colégio do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX; o significativo espaço destinado a registrar os eventos educacionais na imprensa da época, permitindo avaliar o papel da educação na vida cultural da Corte, nas décadas de 1870 e 1880; outros atores sociais e as inter-relações estabelecidas no meio intelectual. São pistas e traços que permitem ao pesquisador compor uma *fotografia* da educação brasileira no *ocaso* do Império e no *raiar* da República. Ou seja, as ideias pedagógicas consideradas *modernizantes* e sua difusão na sociedade brasileira, do final do século XIX. Foi possível a localização de significativos documentos da produção didática e intelectual do Dr. Menezes Vieira, principalmente aqueles relativos à criação do primeiro Jardim de Infância do Brasil, permitindo demarcar as influências e apropriações do referencial teórico-metodológico alemão e francês.

A.B.: *Em um balanço de sua trajetória de pesquisa, que contribuições destacarias?*

M.H.C.B.: Destacaria, inicialmente, as pesquisas com imprensa de educação e ensino/pedagógica, das quais decorreram inúmeras publicações em artigos, capítulos de coletâneas.

Em 1996, recebi o convite para ser *Maître de Conference*, junto à Universidade René Descartes, em Paris/França, e o Service d'Histoire de l'éducation/SHE, onde permaneci três meses, pesquisando e participando de eventos. Às vésperas

da viagem, fiz uma palestra a um grupo de mestrandos e doutorandos sobre a história da formação de professores no Brasil. Para minha surpresa, ao me referir sobre a primeira escola normal no Brasil (1835-1845) para formação docente pelo ensino mútuo, uma colega da área de História da Educação indagou sobre o que era esse método. Ao chegar a Paris, deparo com uma exposição do SHE sobre os 150 anos do Ensino Mútuo/Monitorial na França. Diante desses dois desafios, realizei uma pesquisa sobre o método mútuo/monitorial no Brasil, a qual intitulei «uma história pouco conhecida». Posteriormente, com outros colegas brasileiros, franceses, portugueses e argentinos, organizamos a coletânea *A escola elementar no século XIX. O método monitorial/mútuo* (Bastos & Faria, 1999), que pode ser considerado o primeiro estudo sistemático sobre o tema no Brasil.

Em julho de 1999, encaminhei plano de trabalho à CAPES, intitulado «A Educação no Campo das Relações Brasil-França: a viagem das ideias pedagógicas, das práticas educativas e escolares (1860-1900)», para a realização de um pós-doutoramento junto ao Département de Mémoire de L'Éducation/Service d'histoire de l'éducation – Institut National de Recherche Pédagogique/INRP, França, sob a orientação de Pierre Caspard, o qual ocorreu de dezembro de 1999 a janeiro de 2001.

Paralelamente, em 2000, submeti ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPQ novo pedido de Bolsa Produtividade em Pesquisa, com o projeto «Desenhando a educação brasileira à francesa. Um estudo da apropriação das ideias educativas e das práticas escolares da França: 1870-1900». Essa pesquisa buscou analisar a influência dos debates franceses na educação brasileira, no período que compreende a transição do Império para a República no Brasil (1870-1900), e na França, no período que corresponde a III^a República, considerada a revolução dos republicanos pedagogos, liderada por Jules Ferry, Ferdinand Buisson, Octave Gréard, Paul Bert, Louis Liard, Charles Zévort, e outros tantos. Essas pesquisas resultaram em inúmeros artigos e capítulos de livros. Passados, mais de quinze anos, cumpre assinalar a minha preocupação com a circulação das reformas da instrução pública no século XIX, na perspectiva de internacionalização de modelos e culturas escolares, conforme coloca Matasci (2015) (Matasci, 2015, 2016).

Durante o ano de 2.000, juntamente com as professoras Maria Teresa Santos Cunha (Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC) e Ana Crysthina Venâncio Mignot (Universidade do estado do Rio de Janeiro/UERJ) organizamos a coletânea *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*, com o objetivo de fazer circular estudos e pesquisas com diferentes suportes de escritas ordinárias e escritas de si: diários, cartas, e-mails, agendas (Mignot, Bastos, Cuhna, 2000). Em continuidade a essa abordagem, mas com foco central a escrita epistolar,

publicamos *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar* (2002) (Bastos, Cunha, Mignot, 2002). Dessas duas coletâneas decorreram estudos sobre escritas de si, escritas ordinárias, escritas infantis e escolares, que têm como objeto de pesquisa diários, memoriais, cartas, cadernos escolares, caligrafia, livros ou álbuns de recordação/poemas, agendas, etc. Antonio Viñao Frago, no prólogo do livro «Refúgios do eu» (Viñao, 2000), assinala «tanto la influencia de los planteamientos y enfoques de la más reciente historiografía francesa en ese campo, como la pujanza y originalidad con que, desde Brasil, se han adoptado tales enfoques adaptándolos a otro contexto, es decir, haciendo su propia lectura de ellos».

Cabe mencionar os inúmeros estudos realizados sobre o estado da arte da produção historiográfica da história da educação no Rio Grande do Sul, dos quais decorreram vários capítulos de livro e artigos. Menciono algumas publicações pela relevância *Histórias e memórias da educação do Rio Grande do Sul*, em colaboração com Elomar Tambara e Lucio Kreutz (1998), *Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, em colaboração com Marcus Albino Levy Bencostta e Maria Teresa Santos Cunha (2003).

Em 2003, a professora Maria Stephanou e eu fomos convidadas pela Editora Vozes para organizar uma coleção voltada à área de História da Educação. *Histórias e memórias da educação no Brasil*, que reúne em torno de cinqüenta pesquisadores, em três volumes: séculos XVI – XVIII, século XIX, século XX (2004-2005) (Stephanou & Bastos, 2004-2005). O objetivo que nos dispusemos foi «acompanhar as recentes tendências historiográficas e as investigações na área o que implicou em organizar uma coleção que não se reduzisse em textos descritivos, seqüência temporal linear e progressiva, com referências isoladas de agentes, experiências educativas e escolares, fatos políticos. [...] Procuramos pluralizar possibilidades de leitura inscritas em tempos específicos, que em seu conjunto não traçam uma trajetória linear, tampouco ascendente de uma única história da educação. Buscamos situar o leitor em momentos fundantes, embora muitas vezes descontínuos. Não pretendemos, portanto, elaborar um compêndio ou uma narrativa que se assemelhe a algo como a *epopéia da educação brasileira*». Essa coletânea, com alguns volumes em sexta edição, evidencia o compromisso como docentes e pesquisadores no campo.

O desfio de organização da coletânea Vozes, também nos instigou a pesquisar sobre o ensino de História da Educação, na Escola Normal e no Ensino Superior, a partir do século XIX, enfocando programas, autores, manuais escolares – nacionais e estrangeiros – adotados no Brasil. Constituiu-se, em 2008, o grupo de pesquisa – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Disciplina História da Educação/ GEPEDHE/CNPq – coordenado pelo professor Dr. Décio Gatti Jr

(Universidade de Uberlândia/MG), que já publicou algumas coletâneas e artigos em periódicos da área (Gatti, Monarcha, Bastos, 2009; Bastos, 2011d; Bastos, Mogarro 2009).

Durante 2008 e 2009, juntamente com Maria Juraci Maia Cavalcante, professora da Universidade Federal do Ceará, organizamos a coletânea *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará (1922-1923)*: as normalistas e a pedagogia da Escola Nova, que analisou o «Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia», caderno elaborado pelas alunas normalistas com os conteúdos ministrados na cadeira de Psicologia, Pedagogia e Didática, lecionada por Lourenço Filho, durante 1923. Outros colegas se integraram com a finalidade de dar publicidade ao documento e analisar as «metodologias» desenvolvidas pelas normalistas que transcendem as aulas do professor Lourenço Filho, no que pode ser considerado o alvorecer de sua ação educativa e do movimento Escola Nova no Brasil (Bastos & Cavalcanti, 2009; 2010).

Em 2008, constituí o Grupo de pesquisa «Entre memórias e histórias da escola do Rio Grande do Sul: do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: 1858-2008», que integra pesquisadores – professores, graduandos, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, de diferentes instituições – PUCRS, UCS, UFRGS, UNISINOS, UNIFESP, Colégio Farroupilha –, com o apoio das instituições de fomento à pesquisa: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq (2011-2019), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul/ FAPERGS, que objetiva estudar a história dessa escola, desde a fundação de sua mantenedora – Associação Beneficente e Educacional de 1858 até hoje, analisando a(s) cultura(s) ou a(s) gramática(s) desse espaço educativo e escolar, descrevendo e problematizando os elementos mais visíveis que o conformam: os atores, os discursos, os aspectos organizativos e institucionais, o entorno físico-material, isto é, tudo aquilo que contribui para caracterizar a escola como instituição historicamente construída. Dessa pesquisa, já publicamos vários artigos e duas coletâneas (Bastos, Jacques, Almeida, 2013, 2015).

Finalizando este levantamento, linear e cronológico, é importante salientar que, depois de 44 anos de docência e de pesquisa, é difícil resumir nesse espaço, todas as atividades empreendidas. As histórias coexistem simplesmente, plurais como as verdades, as práticas e os momentos históricos que as engendraram, o que nos leva a repensar a prática na perspectiva de que a vida é o lugar da educação e a *história de vida* o terreno sobre o qual se constrói a formação. O prazer em revelar/desvelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las historicamente na busca da reflexão, da crítica, de valorizá-las na perspectiva de construção do tempo presente, intenta reconstruir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente e de

pesquisa, em que as motivações de vida estão intimamente ligadas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade - *o eu*. A subjetividade docente é construída com essas «marcas».

A.B.: *Faz muitos anos que tens a função de editor da revista – História da Educação/ASPHE. Poderias comentar como tem sido essa experiência?*

M.H.C.B.: A revista *História da Educação* é mantida pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação – Asphe/RS, com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal de Pelotas e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É publicada desde abril de 1997, com **periodicidade** quadrimestral. Tem como **cobertura temática** a área de História da Educação e por **missão** constituir-se num veículo de divulgação de estudos do campo historiográfico educacional. **Objetiva**, sobretudo, divulgar resultados de pesquisas realizadas por professores e estudantes de graduação e pós-graduação e tem como **público alvo** professores, estudantes, pesquisadores e interessados em história da educação. Foi a primeira revista brasileira especializada no gênero. O número inaugural foi lançado em 28 de abril de 1997, por ocasião do primeiro encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, ocorrido em São Leopoldo/RS. A revista está hospedada no portal do Scielo Brasil – www.scielo.br/heduc – e no portal de revistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no endereço <http://seer.ufrgs.br/asphe>. Apresenta-se em formato *online* e com *acesso aberto*. O processo de submissão, avaliação, edição e publicação é feito por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – Seer –, tradução licenciada do Open Journal Systems – OJS.

Cabe destacar que a revista começou graças ao empenho dos professores da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, especialmente do colega Elomar Galegaro Tambara, que foi seu editor até 2011, com o qual estive colaborando desde o início. A partir de 2007, passei a partilhar a editoria com Elomar, portanto perfazendo quase dez anos de colaboração oficial. Os professores Eduardo Arriada e Gomercindo Ghigi também colaboraram por algum período. Em 2011, Claudemir de Quadros, Maria Stephanou e eu assumimos a editoria da revista, com funções bem definidas: Claudemir com a parte organizacional e operacional do sistema online, fechamento de cada número do periódico; Maria Stephanou como responsável por hospedar a revista no sistema SEER/UFRGS e, nos últimos anos, a redação dos Editoriais, que cada vez mais as agências de avaliação tem exigido dos periódicos.

A minha atuação, que se manteve nessas duas décadas, poderia caracterizar em duas frentes: divulgação em eventos nacionais e internacionais [poderia citar alguns exemplos dos primeiros números: a resenha de Anne-Marie

Chartier, publicada na *Revue de l'Éducation – Service d'Histoire de l'Éducation/INRP* – França (n. 77, jan/mars 1998); o Boletim da Sociedade Espanhola de Historia de la educación; o Boletim da Sociedade Argentina de História da Educação]. Também tenho participado de eventos internacionais sobre «internacionalização de periódicos da área de História da Educação» – Valladolid/Espanha, fevereiro de 2015; Istambul/Turquia, ISCHE, junho 2015; Macerata/Itália, fev. 2016. Essas participações resultaram em publicações: na revista *History of Education y Children's literature* (UNIMC/Macerta – Itália, 2015) e no livro *online* (FarenHouse/Salamanca-Espanha). Desde 2015, integra o grupo de pesquisa *Connecting Education. Global Information on History of Education*⁷.

A outra frente caracterizaria como função acadêmica, com estreita vinculação com a primeira, que envolve convite a pesquisadores da área, nacionais e internacionais (franceses, portugueses, espanhóis, argentinos, chilenos, suíços, belgas, e, mais recentemente, italianos) para enviarem artigos, organizarem dossiês. Cabe registrar as palavras de M. Caspard, em sua entrevista publicada na nossa revista em 2014, sobre a relação do Service d'histoire de l'éducation com pesquisadores e a pesquisa no Brasil, que afirma: «As correntes de intercâmbio se prolongaram através de publicações. Umas seis obras e uns quarenta artigos de pesquisadores do SHE foram traduzidos e publicados no Brasil. É necessário salientar, particularmente, o papel desempenhado, neste âmbito, pela revista História da Educação/ASPHE desde a sua criação». Neste âmbito, cabe assinalar a tradução de inúmeros artigos de pesquisadores franceses.

Paralelo a essas atividades, desde a gestão de Elomar G. Tambara e, mais particularmente, a partir de 2011, começamos o processo de indexação da revista em vários indexadores nacionais e internacionais, conforme exigências das agências financeiras. E iniciamos o processo de credenciamento junto ao sistema SciELO – Scientific Electronic Library Online, que demandou algumas tentativas e, por fim, ingressamos em 2012, sendo a primeira revista da área de História da Educação. Em 2014, também passamos a integrar o SciELO Educa. Quanto ao Qualis Capes Periódicos⁸, temos mantido a avaliação A2 na área de Educação e B1 na área de História, há muitos anos.

Tudo isso resulta de um trabalho constante e permanente, que os Relatórios anuais evidenciam com dados concretos os progressos que temos alcançado

⁷ É uma ferramenta científica desenvolvida por FarenHouse com a colaboração de Connecting History of Education Working Group. O objetivo é canalizar, sem comentários ou opiniões pessoais, os fluxos globais de produção científica e promover o diálogo entre as diferentes tradições historiográficas de educação existentes no mundo. Integrada pela PUCRS/BR; Universidade de Valladolid/ES; Universidade de Foggia/IT; Universidade de Macerata/Itália.

⁸ CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior/ Ministério da Educação.

na editoria da revista e também na ASPHE. Cabe assinalar, ainda, o apoio das agências financiadores CNPq e CAPES. Para 2017, a nossa revista já foi recomendada para receber auxílio financeiro, no edital CNPq nº25/2016 – Programa Editorial.

Recentemente, respondi um questionário da pesquisa - “A categoria Etnia na Pesquisa Histórico Educacional Brasileira – Estado da Arte a partir de Revistas Especializadas”, de Sauloéber Tarsio de Souza (UFU), sobre a nossa revista. Uma das questões indagava como foi organizado o primeiro número, na qual assim me posicionei:

O periódico começou de maneira muito artesanal. Aos poucos as exigências foram aumentando e passamos a contar com mais colegas, como até hoje. Essa tem sido a prática, assim como o processo de circulação inicial do periódico. Ao longo de quase 20 anos, é bom ter em vista, que o processo de profissionalização e estruturação do periódico se deu paulatinamente, especialmente por demandas externas das agências financiadoras, avaliadoras e Scielo (Fevereiro 2016).

Gostaria de concluir, dizendo que, com a complexificação cada vez maior na editoração de periódicos e sua internacionalização, conseguimos dar conta dessa missão. Começamos «artesanalmente», no sentido de que um grupo apostou e continua acreditando em sua publicação, com poucos recursos financeiros, sem profissionais especializados, mas com colegas que dedicam seu tempo e esforço para sua concretização.

A.B.: *No contexto atual do Brasil, como você avaliaria o estado da pesquisa e da disciplina História da Educação? Segundo a sua experiência, quais as perspectivas da história da educação no Brasil?*

M.H.C.B.: Recentemente, publiquei na revista *Espacio, Tiempo y Educación* um artigo intitulado «O que é a História do Brasil hoje? Tempos de reflexão» (Bastos, 2016), no qual assinalava que, como disciplina acadêmica, a História da Educação no Brasil apresenta uma redução gradativa nos currículos do curso de graduação em Pedagogia, mas uma ampliação nos cursos de pós-graduação em Educação, decorrente da expansão significativa da pesquisa na área, em termos nacionais, a partir dos anos 1970. Explicitava que a crítica interna do campo da pesquisa tem sido operada por meio de balanços da produção, em estudos sobre a historiografia da disciplina, nas escolas normais, nos cursos de graduação e na pós-graduação em educação. Apesar do hiato entre a pesquisa e o ensino, campos indissociáveis, destacava o profícuo diálogo com a historiografia da História e da História da Educação, em termos nacionais e internacionais, assim como, a diversidade de temas e abordagens teórico-metodológicas, que decorrem da formação multidisciplinar dos pesquisadores que produzem na área.

Com a expansão da pós-graduação no Brasil, a área se ampliou a partir dos anos 1970⁹. Podemos citar várias ações que contribuíram para a sua expansão: criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPEd, em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE, em 1999, tendo se filiado à Association internationale pour l'histoire de l'éducation/ISCHE em 2000; a constituição de grupos de pesquisas nos programas de pós-graduação e de centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos (Revista História da Educação, ASPHE/1996¹⁰; Revista Brasileira de História da Educação, SBHE/2001¹¹; Cadernos de História da Educação, UFUb-Uberlândia/2002¹²; Revista eletrônica da HISTEDBR, 2000¹³; a realização de inúmeros congressos – nacionais e internacionais¹⁴; a publicação de livros, coleções. Por último, cabe citar a recente criação do GT História da Educação (2015) e da revista eletrônica História e Historiografia da Educação (2016)¹⁵, na Associação Nacional dos Professores Universitários de História/ANPUH, criada em 1961, o que reflete uma mudança de perfil da formação dos pesquisadores da área.

Ao elencar algumas perspectivas que se apresentam ao campo, assinalei a necessidade de inventários do conhecimento produzido. Há dificuldades, decorrentes das dimensões territoriais do País, para a constituição de repertórios de fontes e/ou bancos de dados, de espaços de preservação de documentos para o avanço dos estudos. Também há a necessidade de constituição de bancos de dados acessíveis via Internet, que facilitem ao pesquisador o acesso a repertórios de fontes documentais. O avanço da pesquisa na área sinaliza para uma ação urgente voltada à constituição de inventários de fontes local, regional e nacional, visando fundamentalmente a conservação, salvaguarda e preservação de uma memória da educação brasileira, ou seja, de seu patrimônio histórico-educativo.

9 É importante assinalar que a primeira tese sobre História da Educação Brasileira foi apresentada na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1943, por José Querino Ribeiro.

10 <http://www.seer.ufrgs.br/asphe>

11 <http://www.sbhe.org.br/>

12 <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/>

13 <http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/index.php/histedbr/index>

14 Os Congressos Brasileiros de História da Educação, a partir de 2000; os Luso-brasileiros, desde 1996; Iberoamericanos, desde 1993; os Seminários HISTEDBR, desde 1991; os Encontros Sul-Riograndenses de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE, desde 1995.

15 www.seer.ufpr.br/rhhe

Cada vez mais observa-se a incorporação da produção historiográfica da História e de outras disciplinas das ciências humanas. Cabe assinalar, no entanto, que grande parte dos historiadores de “ofício” desconhecem a produção da área de História da Educação. Esse fato decorre, em parte, da formação dos pesquisadores em história da educação no Brasil, grande parte oriunda da área da Educação, diferente de outros países em que a formação é, majoritariamente, em História ou em Ciências da Educação, com um amplo espectro analítico. Dessa formação decorre outra tendência de nossa produção de pesquisa – estudos histórico-descritivos – faltando um adensamento analítico do campo, pela não apropriação das contribuições de outras áreas do conhecimento, especialmente, da história e da sociologia.

De uma maneira geral, podemos dizer que o diálogo entre os historiadores da educação, brasileiros e estrangeiros, é bastante profícuo, especialmente com a produção historiográfica da educação de vertente francesa, portuguesa, espanhola, italiana, mexicana, argentina, chilena, norte-americana. Construímos um significativo referencial na área, que sistematicamente é o suporte dos estudos produzidos. Inovamos quanto aos temas, problemáticas e objetos, integramos grupos de pesquisa. A presença significativa de pesquisadores brasileiros – em eventos nacionais e internacionais – CBHE, ISCHE, Ibero-americanos/CIHELA, Luso-brasileiros/COLUBHE; em grupos de pesquisa da Comunidade Europeia; em pesquisas conjuntas internacionais; em estágios de pesquisa no exterior – também expressam o avanço da pesquisa na área. Publicações organizadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros têm sido mais recorrentes.

No entanto, é ainda necessário dar visibilidade internacional à produção de pesquisa, especialmente em periódicos estrangeiros da área de História da Educação, que é numericamente pouco expressiva¹⁶. A ausência de pesquisadores brasileiros em publicações internacionais, especialmente americanas e europeias, com exceção de algumas coletâneas editadas em Portugal, Espanha, Argentina, México, Chile, leva-nos a refletir sobre nossa relação com o conhecimento por nós produzido. Ainda temos uma atitude de dependência ou de um «colonialismo intelectual»?.

A.B. *Ao finalizar, gostaria de sua opinião sobre os destinos da História da Educação: para onde vai a nossa disciplina? O que poderia ser a agenda para próxima década? Quais perspectivas de pesquisa e que fontes poderiam estar sujeitas a uma maior exploração? Como enfrentar os desafios colocados pela crescente internacionalização do processo de pesquisa?*

¹⁶ Ascolani (2008, p. 19) também observa o mesmo fenômeno para a Argentina e ressalta que a presença de articulistas argentinos, muitas vezes, decorre de posições institucionais, por exemplo, presidentes da Sociedad Argentina de Historia de la Educación.

M.H.C.B.: Pensar o futuro, sem uma «bola de cristal», é sempre temerário e utópico. Partindo da ideia de T.S.Eliot, de que «O tempo passado e o tempo presente estão ambos talvez presentes no tempo futuro. E o tempo futuro contido no tempo passado», e no que expressei nas demais questões, acredito que os desafios são múltiplos, tanto no âmbito local, regional e nacional, como internacional.

Com a expansão do campo de pesquisa e, em decorrência, da produção de conhecimento, acredito que um desafio seria a proposição de projetos internacionais de pesquisa voltados para a realização de balanços analíticos, ou seja, «estados da arte» por temáticas e/ou por documentos privilegiados (imprensa, instituições, artefatos escolares; docentes, estudantes, etc.), com a finalidade de conhecer os suportes teórico-metodológicos que têm «modelado ou formatado» o conhecimento produzido. Atrelada a essa proposição, está a necessidade, cada vez maior, de concentrar esforços em pesquisas sincronizadas, ou seja, interinstitucionais, de âmbito nacional e internacional.

Gostaria, ainda de assinalar a expansão do processo de internacionalização da pesquisa no campo, processo em França ampliação dos grupos de pesquisas. A fronteira tem se estendido cada vez mais> dos parceiros iniciais, como Argentina, Chile e México, hoje agregam-se outros países da América Latina. Também se verifica uma maior aproximação com pesquisadores norte americanos e canadenses. Na Europa, as tradicionais parcerias com Portugal (Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Braga, Minho), Espanha (Valladolid, Salamanca, Murcia, Berlanga de Duero, Alcalá, Baleares, Canarias), França (Paris, Lyon, Rennes, Lille e outros centros de pesquisa), estendem-se para Itália pelo *Centro de documentação e pesquisa sobre a história do livro escolar e da literatura infantil* (Cesco) da Universidade de Macerata, que tem uma das melhores revistas internacionais (History of Education and Children's Literature); o grupo de pesquisa da Universidade Católica de Milan, os grupos de Firenze e Bologna (onde participei ao Congresso Anual da sociedade italiana o Centro Italiano della Ricerca Storico Educativa), o *Centro de documentação e pesquisa sobre a história das instituições escolares, o livro escolar e a literatura infantil* junto ao Museu da escola e da educação popular da Universidade de Molise em Campobasso. O alargamento das fronteiras é um contributo para as pesquisas e seus pesquisadores, ampliando significativamente o repertório de fontes e aportes teórico-metodológicos, em direção a estudos comparados sócio-históricos.

Outro desafio seria aquele proposto, já em 2003, por Viñao Frago, que sinaliza para a necessidade de «mostrar o passado nos debates, questões e problemas educativos de seu tempo; não só fazer a genealogia do presente, mas também desvelar os usos incorretos do passado, e, sobretudo, as apropriações,

mitificações e manipulações do mesmo». Qual tem sido nossa contribuição, como produtores de conhecimento sobre a História da Educação, para a formulação de políticas educacionais e ações escolares hoje? Mesmo considerando que nossas questões partem do presente, que ressonância têm tido nossas «respostas» para a mudança do quadro de referência. Há uma sensação de que estamos fazendo uma «arqueologia» da nossa história da educação para (re)escrevê-la e para conservá-la tão somente (repertório de fontes, dicionários), como «doutores da memória» escolar e educacional. O autor ainda assinala quatro audiências possíveis para a produção em História da Educação – audiência oficial, audiência social, audiência profissional vinculada à formação de professores, audiência profissional da comunidade científica (Viñao, 2003). Ao meu ver, creio que somente na última – audiência profissional da comunidade científica – temos evidenciado um enorme avanço nos últimos anos. Isto é, temos falado para nós mesmo e, para não ser muito dura, em alguns outros fóruns de circulação do conhecimento. Essa situação foi importante para a consolidação do campo de investigação, a partir dos anos 1970, mas precisamos avançar nossas perspectivas de circulação do conhecimento, como condição *sine qua non* para o fortalecimento do campo e para a conquista de novos espaços de produção de pesquisa e de formação docente, diante das turbulências do cenário internacional, nesta segunda década do século XXI, com viés conservador nas políticas públicas de educação, comprometendo conquistas históricas do conjunto da sociedade.

Referências bibliográficas

- Ascolani, A. (2008). La investigación reciente en Historia de la Educación argentina. Campo interdisciplinar y problemáticas. In Ascolani, A. (Comp.), *El sistema educativo em Argentina. Estudios de Historia*. Rosário/Ar: Laborde Editor.
- Bastos, Maria Helena C. (1999a). Idiossincrasias de uma Professora. In Rays, Osvaldo Alonso (Org.), *Trabalho pedagógico. Realidades e perspectivas* (pp. 166-197). Porto Alegre: Sulina.
- Bastos, M.H.C. (1999b). Menezes Vieira e Rui Barbosa: parceiros no projeto de modernização da educação brasileira. In: FARIA Filho, Luciano (Org.), *Pesquisa em História da Educação. Perspectivas de análise. Objetos e Fontes* (pp. 45-68). Belo Horizonte: HG Edições,
- Bastos, M.H.C. (2002a). O Jornal das Famílias (1863-1878): leituras das famílias brasileiras. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(2).
- Bastos, M.H.C. (2002b) *Pedagogium: templo da modernidade educacional republicana brasileira (1890-1919)* (pp. 251-315).

- Bastos, M.H.C. (2002c). *Pro Patria Laboremus. Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Bragança paulista: Ed. USE.
- Bastos, M.H.C. (2005a). A pesquisa em História da Educação nos programas de pós-graduação em educação da Região Sul (1972-2003). In Gondra, J.G. (Org.), *Pesquisa em História da Educação no Brasil* (pp. 243-288). Rio de Janeiro: DP&A.
- Bastos, M.H.C. (2005b). *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942). O novo e o nacional em revista*. Pelotas: Seiva Publicações.
- Bastos, M.H.C (2007). A Liga do Ensino no Brasil e a Revista da Liga do Ensino (1883-1884). *História da Educação/ASPHE*, 11(21), 225-274.
- Bastos, M.H.C. (2009). Pense globalmente, pesquise localmente. Em busca de uma mediação para a escrita da história da educação. In Mendonça, A. W., Alves, C., Gondra, J., Xavier, L., & Bonato, N. (Orgs.) *História da Educação: desafios teóricos e empíricos* (pp. 67-90), Niterói/RJ: EDUFF.
- Bastos, M.H.C. (2011a). Souvenirs da infância e adolescência: minhas escolas, minhas vivências. In Fischer, Beatriz (Org.), *Tempos de Escola: memórias*, v. 1 (pp. 105-120). São Leopoldo/RS: Oikos.
- Bastos, M.H.C. (2011b). A Caixa de Pandora: desafios do ensino e da pesquisa em História da Educação no Brasil. In Freitas, A., Oliveira, L., Nascimento, J., & Nascimento, E. (Orgs.), *O Ensino e Pesquisa em História da Educação* (pp. 76-96). Maceió: EdUFAL.
- Bastos, M.H.C. (2011c). *Manual para os Jardins de Infância Ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira* (1882). Porto Alegre: Ed. Redes.
- Bastos, M.H.C. (2011d). Pedagogias e manuais: leituras cruzadas. Os manuais de História da Educação adotados no Brasil (1870-1950). In Bestani, Rosa M., Brunetti, Paulina, Sánchez, Ana M. Martinez, & Flachs, M. Cristina Vera de (Comp.), *Textos, Autores y Bibliotecas. 190 años de la Biblioteca Mayor de la UNC* (pp. 346-357). Córdoba/AR, Ed. Baez.
- Bastos, M.H.C. (2013a). Estações de formação e pesquisa. In Monarcha, C., & Gatti, Jr. D. (Org.), *Trajetórias na formação do campo da história da educação brasileira* (pp. 55-83). Uberlândia/MG: EDUFU.
- Bastos, M.H.C. (2013b). Entrevista. Revista Produção Docente. *Uberaba*, 13(29), 3-8. [<http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/627/734>]
- Bastos, M.H.C (2014). Memórias em caixas: As escritas de si de Luzia Garcia de Mello (1933-2013). In *Anais do VI CIPA - VI Congresso Internacional de Pesquisa (auto) Biográfica - entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar* (pp. 280-294). Rio de Janeiro: BIOgraph.

- Bastos, M.H.C. (2016). O que é a história da educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. *Espacio, Tiempo y Educación*, 3(1), 43-59.
- Bastos, M.H.C., & Almeida, D.B. (2013). Um Protocolo para a Pesquisa em História da Educação. *Educação & Cidadania* [São Carlos], 12(1), 19-29.
- Bastos, M.H.C., & Cavalcanti, M.J.M. (Orgs.). (2009). *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará (1922-1923): As normalistas e a pedagogia da Escola Nova*. São Paulo: Ed. Alínea.
- Bastos, M.H.C., & Cavalcanti, M.J.M. (Orgs.). (2010). Álbum com Pequenos Trabalhos de Pedagogia. As normalistas da Escola Normal do Ceará e a pedagogia da Escola Nova (1923). Santa Maria: Ed.UNIFRA. (Cd-Rom)
- Bastos, M.H.C., Cunha, M.T.S., & Mignot, A.C.V. (Orgs.). (2002). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: Ed.UPF.
- Bastos, M.H.C., & Faria Filho, L. M. (Orgs.). (1999). *A Escola elementar no século XIX: o método monitorial/mútuo*. Passo Fundo: Ed. UPF.
- Bastos, M.H.C., Jacques, A.R., & Almeida, D.B. (Orgs.). (2013). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS/CNPQ.
- Bastos, M.H.C., Jacques, A.R., & Almeida, D.B. (Orgs.). (2015). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS/CNPQ.
- Catani, D., & Bastos, M.H.C. (Orgs.). (1997). *Educação em revista. Imprensa periódica e história da educação*. São Paulo: Escrituras.
- Gatti Jr., D., Monarcha, C., & Bastos, M.H.C. (Orgs.). (2009). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: EdUFU.
- Bastos, M.H.C., & Mogarro, M.J. (2009). Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil (segunda metade do século XIX - primeira metade do século XX). In Araújo, M. (Org.), *História(s) Comparada(s) da Educação* (pp. 241-283). Brasília/DF: Liber.
- Gondra, J.G. (1997). O Veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: A Revista Pedagógica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 78(188, 189,190), 374-395.
- Lopes, E. (1988). O Service d'histoire de l'education: a serviço de pesquisadores e docentes. *Educação em Revista* [Belo Horizonte], 8, 32-35.
- Louro, Guacira (1989). O regional na cultura e na educação gaúcha: integração ou resistência. *Cadernos ANPED*, 2.
- Marques, J. Luiz. (1993). A revolução permanente de maio. *Zero Hora*. Porto Alegre, 8 de maio de 1993.

- Matasci, Damiano (2015). *L'école républicaine et l'étranger. Une histoire internationale des réformes scolaires en France, 1870-1914*. Lyon: ENS Éditions.
- Matasci, Damiano (2016). A França, a escola republicana e o exterior: perspectivas para uma história internacional da educação no século 19. *História da Educação/Asphe*, 20(50), 139-155.
- Mignot, A.C.V., Bastos, M.H.C., & Cunha, M.T.S. (Orgs.). (2000). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres.
- Monarcha, C. & Gatti Jr, D. (Org.). *Trajetórias na formação do campo da história da educação brasileira*. Uberlândia/MG: EDUFU.
- Nunes, C., & Carvalho, M. (1993). Historiografia da educação e fontes. *Cadernos ANPED*, 5, 7-64.
- Pacheco, G. (Org.) (1979). *Função de Investigação e a Escola laboratório*. Porto Alegre: UFRGS.
- Stephanou, M., & Bastos, M.H.C. (Orgs.). (2004-2005). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes. V.I, II, III.
- Viñao Frago, A. (2003). La Historia de la Educación ante el siglo XXI: tensiones, retos y audiencias. Etnohistoria de la escuela. *XII Coloquio Nacional de Historia de la Educación* (pp. 1063-1074). Burgos: Universidad de Burgos y Sociedad Española de Historia de la Educación.
- Viñao Frago, A. (2000). A modo de prólogo, refugios del yo, refugios de otros. In Mignot, A.C.V., Bastos, M.H.C., & Cunha, M.T.S. *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica* (pp. 9-15). Florianópolis: Mulheres.